

CARVÃO MINERAL

Sérgio Bizarro César - DNPM/RS - Tel.: (51) 226-4718 r.242 - Fax: (51) 226-2722

I - OFERTA MUNDIAL - 1999

As informações e os comentários que a seguir serão apresentados são relativos ao ano de 1998, por não estarem ainda disponíveis dados mais recentes referentes ao panorama mundial sobre o carvão mineral.

Houve em 1998, uma redução no consumo mundial de carvão mineral, principalmente devido à crise econômica dos países asiáticos, já que este é o continente de maior consumo. A China, maior produtor mundial, reduziu em 9% a sua produção, em 1998 (1,24 bilhões de toneladas), em relação ao ano anterior, sendo sua produção destinada quase que em sua totalidade para consumo próprio, apenas 32 mil toneladas foram exportadas nesse período. Essa é a segunda queda consecutiva na produção chinesa, em 1996 chegou a alcançar 1,37 bilhões de toneladas e em 1997 1,36 bilhões de toneladas.

Os Estados Unidos da América, segundo maior produtor mundial, teve um crescimento de 2,6%, em 1998, em relação a 1997 na sua produção de carvão mineral, que foi de 1,014 bilhões de toneladas. Só para se ter uma idéia da importância do carvão nesse país, cabe ressaltar que, em 1998, 56,3% da geração de energia elétrica foi proveniente do carvão. Com relação à distribuição do consumo de carvão nesse país, tem-se, para o ano de 1998, que 83,0% destinou-se à geração de energia elétrica, 5,8% para o consumo de outras indústrias, 2,5%, para a produção de coque siderúrgico e 7,0% para exportação.

A Austrália, terceiro grande produtor mundial, teve também um expressivo crescimento na sua produção carbonífera, 10,0% em 1998 (356 milhões de toneladas), em relação a 1997 (322 milhões de toneladas). É o principal exportador mundial de carvão, com 167 milhões de toneladas em 1998. O principal importador de carvão é o Japão, com 125 milhões de toneladas, em 1998.

Reserva e Produção Mundial

Discriminação Países	Reservas ⁽¹⁾ (10 ⁶ t)		Produção de Carvão ⁽²⁾ (10 ⁶ t)		
	1995 ^(r)	%	1997 ^(r)	1998 ^(p)	%
Brasil	6.496	0,6	5	6	0,1
África do Sul	55.333	5,3	220	222	4,8
Austrália	61.865	5,9	322	356	7,6
China	114.500	11,1	1.360	1.236	26,6
Estados Unidos	240.558	23,3	987	1.014	21,8
Ex-URSS	241.000	23,3	-
Índia	69.947	6,7	321	323	6,9
Polônia	42.100	4,1	199	180	3,9
Rússia	-	-	244	232	5,0
Outros	203.462	19,7	1.115	1086	23,3
TOTAL	1.035.261	100,0	4.773	4.655	100,0

Fontes: BP Statistical Review of World Energy -1996, Metals & Minerals Review - 2000 e DNPM (Brasil)

Notas : (1) reservas lavráveis de carvão (Brasil: reservas medidas) (...) não disponível

(2) corresponde a todos tipos de carvão, betuminoso, sub-betuminoso e linhito (*hard coal and brow coal*)

II - PRODUÇÃO INTERNA

A produção nacional de carvão tipo energético, em 1999, teve um acréscimo de 13,0% em relação ao ano anterior, devido, principalmente, a estiagem dos últimos meses do ano, que ocorreu na região sul do Brasil, o que provocou a redução nos reservatórios das usinas hidrelétricas, e o conseqüente aumento na demanda por carvão para abastecer as usinas termoeletricas existentes na região, que passaram a operar a plena carga, fato esse que se estendeu até início do ano de 2000. Em vista disso, empresas carboníferas como a Companhia Riograndense de Mineração, que fornece carvão à CGTEE, pertencente a ELETROBRAS, que opera duas das três usinas a carvão mineral do estado do Rio Grande do Sul, tiveram que aumentar sua produção, 32,0% mais que em 1998. Em Santa Catarina, a Gerasul, empresa que opera o Complexo Jorge Lacerda, maior Termoelétrica a carvão do País (potência instalada de 832 MW), teve também que aumentar o consumo de carvão. Uma de suas fornecedoras, a Carbonífera Criciúma, maior produtora desse Estado, em 1999, aumentou em 40,0% a sua produção, superando a Carbonífera Metropolitana que no ano de 1998 ocupava essa posição em Santa Catarina.

O Paraná que tem pouca representatividade no cenário nacional de carvão, foi o único Estado, entre os três produtores, que em 1999 reduziu 18,0% na sua produção. Santa Catarina aumentou em 7,0% e o Rio Grande do Sul em 22,0%. A distribuição da produção por estado ficou sendo, portanto, a seguinte, em 1999: 61,0% o Rio Grande do Sul, 38,0% Santa Catarina e 1,0% o Paraná.

CARVÃO MINERAL

III - IMPORTAÇÃO

Em 1999, segundo informações do SECEX - MDIC, considerando os carvões de todos os tipos, as importações brasileiras tiveram um aumento de 25,0%, em quantidade, e uma redução de 16,0% em valor, em relação a 1998. Na distribuição por país de origem, em termos de quantidade, ficaram os Estados Unidos com 33,0%, a Austrália com 31,0%, a África do Sul com 9,0% e o Canadá com 8,0%. Em termos de valor, a composição foi, 40,0%, 28,0%, 8,0% e 8,0%, respectivamente, para esses mesmos países. Houve, portanto, em relação ao ano anterior, um aumento nas compras de carvão australiano em 80,0%, com relação a 1998, e uma queda nas compras do carvão norte-americano de 13,0%.

Foram importados também 889.483 toneladas de coque de carvão mineral, 41,0% menos do que no ano anterior, sendo que o principal fornecedor continua sendo a China, com 51,0% de participação na quantidade fornecida.

Com relação a aparente discrepância que apresenta os dados sobre importações de carvão, aumento significativo na quantidade e queda no valor, cabe esclarecer, que apesar das estatísticas disponíveis não diferenciar o carvão (metalúrgico ou energético), sabe-se que o Brasil importa em sua grande maioria (mais de 90,0%), carvão do tipo metalúrgico e que existe vários tipos de carvão metalúrgico com características e preços bastante diferenciados. Também é um fato, que os preços do carvão não são cotados em bolsa, e sim em rodadas de negociações diretas entre empresas ou mesmo entre países.

IV - EXPORTAÇÃO

Insignificantes.

V - CONSUMO

O consumo total de carvão, em 1999, foi de 16,2 milhões de toneladas, sendo que desse total, 65,0% corresponde a carvão metalúrgico importado, destinado à siderurgia e 30,0% refere-se ao consumo de carvão energético para uso em usinas termoeletricas e o restante para uso industrial. Quanto ao consumo específico de carvão energético nacional, tem-se uma distribuição por setor de consumo de 85,0% para a termoeletricidade, 6,0% para a indústria petroquímica, 4,0% para indústria de papel e celulose e o restante distribuído entre outros setores.

Principais Estatísticas - Brasil

Discriminação		1997 ^(r)	1998 ^(r)	1999 ^(p)
Produção:	Energético (10 ³ t)	5.542	5.485	5.618
	Metalúrgico para fundição (10 ³ t)	90	86	102
Importação:	Carvão Metalúrgico ^(*) (10 ³ t)	11.594	10.697	13.430
	(10 ³ US\$-CIF)	608.827	633.645	529.108
Exportação:	(10 ³ t)	477	65	242
	(10 ³ US\$-FOB)	213	29	100
Consumo:	Metalúrgico para siderurgia (10 ³ t)	10.481	11.000	10.600
	Finos metalúrgico (10 ³ t)	90	86	102
	Energético (10 ³ t)	5.615	5.525	5.645
Preços ⁽¹⁾ :	Carvão ⁽²⁾ (US\$ CIF/t)	52,50	59,20	39,40

Fontes: DNPM, MF-SRF, MDIC-SECEX, Anuário Estatístico Setor Metalúrgico/MME.

Notas: (p) provisório (r) Revisado

(*) Maior parte 90%

(1) maior parte do tipo metalúrgico

(2) Preço médio dos diversos tipos de carvão base importação brasileira

VI - PROJETOS EM ANDAMENTO E/OU PREVISTOS

Em Criciúma avança o projeto da Usina Termoeletrica do Sul Catarinense (USITESC) com potência de 400MW, formulado pelas carboníferas Metropolitana e Criciúma. No Rio Grande do sul, existem três projetos de usinas termoeletricas a carvão, Jacuí I, da GERASUL, Candiota III, da ELETROBRÁS, ambas com potência de 350 MW e Seival, da carbonífera Copelmi Mineração Ltda, com potência de 500 MW, divididos em duas etapas de 250 MW cada. Em Figueira, no estado do Paraná, está prevista a também a construção de uma termoeletrica.

VII - OUTROS FATORES RELEVANTES

Em março de 2000 o Presidente da República assinou Decreto criando o Programa Nacional de Incentivo ao Uso do Carvão Mineral para Fins Energéticos. Uma Comissão interministerial, formada pelos ministérios de Minas e Energia, Fazenda e Meio Ambiente, segundo se noticia, ficou encarregada de estudar os meios necessários para viabilizar a construção de termoeletricas a carvão mineral. Existe um programa mais abrangente referente a termoeletricas, denominado Programa Nacional de Termoeletricidade, que prevê a construção de 49 usinas termoeletricas, em sua grande maioria, porém, usando gás natural importado da Bolívia e da Argentina.

Alguns estão otimistas outros ainda céticos, com essa nova perspectiva. O fato é que o gás natural importado, constitui-se, sem sombra de dúvida, num sério concorrente ao carvão mineral, ainda não devidamente avaliado.